



Um método brasileiro de contrabaixo, do século XIX (1838): Lino José Nunes

André Cardoso*

Resumo

Este trabalho apresenta os sete estudos que fazem parte do “Curso de Lições para o Contrabaixo” do *Methodo Prático ou Estudos Completos para o Contrabaixo* de autoria do compositor e contrabaixista Lino José Nunes, músico que viveu no Rio de Janeiro até 1847. A obra foi localizada no acervo de manuscritos musicais da Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ a partir do primeiro inventário realizado. Embora incompleto e escrito para o contrabaixo de três cordas, a obra datada de 1838 é provavelmente o primeiro método brasileiro dedicado ao instrumento.

Palavras chave

Lino José Nunes – contrabaixo – instrumento de cordas – música brasileira – século XIX.

Abstract

This paper presents the seven studies from the “Curso de Lições para o Contrabaixo” do *Methodo Prático ou Estudos Completos para o Contrabaixo* [Course Lessons for Double Bass from the Practical Method or Complete Studies for Double Bass], authored by the composer and bassist Lino José Nunes, a musician who lived in Rio de Janeiro until 1847. The work was located in the collection of musical manuscripts from the Library of Alberto Nepomuceno at UFRJ School of Music during the first inventory conducted in that collection. Although incomplete and written for the three bass strings, the work dated of 1838 is probably the first Brazilian method dedicated to that musical instrument.

Keywords

Lino José Nunes – double bass – string instrument – Brazilian music – 19th century.

A Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ é um dos mais importantes repositórios de manuscritos musicais do Brasil. O acervo começou a ser formado por ocasião da criação do Conservatório de Música, em 1848, data em que é registrada a primeira doação. Ao longo de mais de século e meio de existência recebeu doações de compositores e seus herdeiros e anexou coleções de diferentes origens e procedências, com especial destaque para os músicos cuja atuação profissional ao longo dos séculos XIX e XX esteve diretamente ligada não só ao

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: andrecardoso@musica.ufrj.br.



Um método brasileiro de contrabaixo, do século XIX (1838): Lino José Nunes – Cardoso, A.

Conservatório, mas também ao Instituto Nacional de Música, depois Escola Nacional de Música e, finalmente, Escola de Música da UFRJ, nas diferentes denominações da instituição ao longo do tempo.

Apesar da importância do acervo acumulado, o setor de manuscritos jamais havia passado por um inventário que permitisse uma visão global de seu conteúdo, da quantidade de obras e compositores representados. Mais especificamente, o inventário permitiria também a identificação e separação de obras que porventura estivessem fora do lugar, misturadas, desaparecidas ou mesmo cuja existência fosse completamente ignorada.

Foi com objetivo de superar tais dificuldades que as bibliotecárias Dolores Brandão, chefe da BAN, e Maria Luiza Nery de Carvalho, responsável pelo setor de manuscritos, propuseram em 2010 a realização de um inventário. Foram contratados quatro estagiários que, comandados por Maria Luiza, trabalharam durante quase dois anos no levantamento do acervo específico. Como era nossa expectativa, ao longo do processo começaram surgir, além de dúvidas, obras que estavam escondidas no meio de tantos papéis. É o caso da que está sendo apresentada aqui no Arquivo de Música Brasileira e em cujo frontispício se lê:

Methodo Pratico
ou Estudos Completos para o Contrabaxo
Pelo Sr. Lino Jozé Nunes
Proffessor de Múzica e do mesmo instrumento
Para uzo do
D^{or} Jozé Mauricio Nunes Garcia
1838

Propriedade do Dr. Garcia
Pertence a J[oaqui]m d'Almeida

Trata-se provavelmente de um dos primeiros métodos para instrumento de cordas escritos no Brasil e que apresenta um conjunto de pequenas lições que podem ser colocadas na categoria dos estudos para instrumento solo. Mais relevante se torna a obra em função das personagens envolvidas em sua criação como autor e dedicatário.

O autor da obra, Lino José Nunes, músico que viveu no Rio de Janeiro, entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX, e estudou com o padre José Maurício Nunes Garcia no curso gratuito que o mesmo mantinha em sua residência. Como seu discípulo, ingressou no coro da Capela Real. Em 1821, oferecia-se em

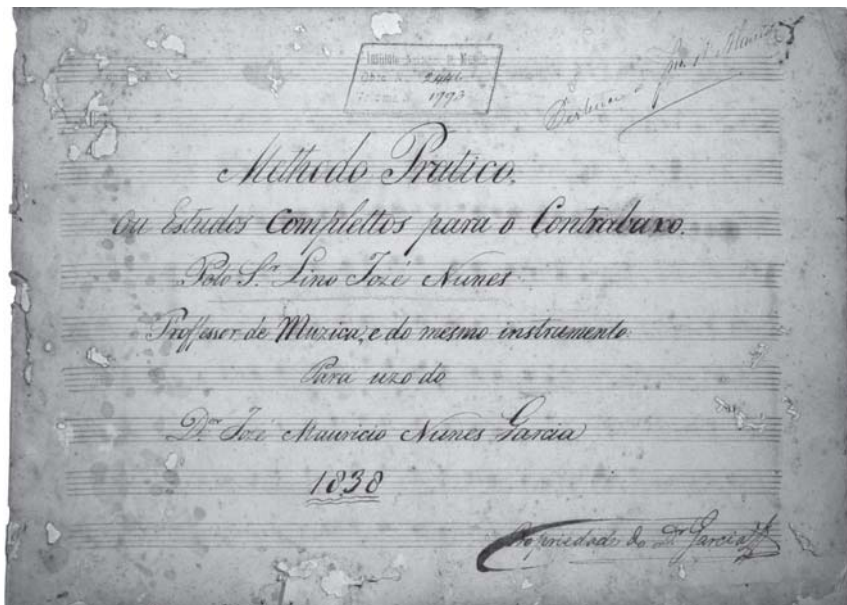


Figura 1. Frontispício do manuscrito musical – Biblioteca Alberto Nepomuceno, Escola de Música da UFRJ.

anúncio na imprensa carioca para “ensinar a todas as pessoas de ambos os sexos, que quiserem aprender a cantar toda a qualidade de música, e demais cançonetas italianas e modinhas portuguesas, tudo com acompanhamento de viola”. Ayres de Andrade informa que em 1824 foi nomeado contra baixista da Capela Imperial com salário de 200 mil réis por ano. Um documento datado de 15 de novembro de 1842, de Monsenhor Fidalgo, inspetor da Capela Imperial, informa que “Lino José Nunes serve desde 1825”, o que pode representar uma diferença de tempo entre o ato de nomeação e a efetiva entrada em exercício.¹

Em documento não datado, mas escrito em setembro de 1825, Lino José Nunes solicitou aumento de seus vencimentos para que fossem equiparados aos de outros músicos da Capela Imperial, incluindo uma gratificação de 12 mil réis mensais. Na petição afirma ter “desempenhado as suas obrigações, e dado evidentes provas da sua conducta e do quanto hé periti[ssi]mo naquelle instrumento”. Para justificar o pedido diz também que o contra baixo é instrumento “de grande despesas não só de incorduações como de qualquer concerto quando seja necessário”. Por fim diz que com o aumento poderá “minorar os males em q. se vê submergido”, ele e “sua desgraçada família”.²

¹ Arquivo Nacional – Casa Real e Imperial – Capela Imperial – Cx. 13 Pac. 2 Doc. 511.

² Biblioteca Nacional – Setor de Manuscritos – Lino José Nunes – C 427,20 (2).



Um método brasileiro de contrabaixo, do século XIX (1838): Lino José Nunes – Cardoso, A.

O Monsenhor Fidalgo informa ao ministério, em 26 de setembro de 1825, dizendo que “com justiça o sup[licant]e pede este ordenado”. Sobre a gratificação não soube informar porque os demais músicos a recebiam. O pedido foi deferido em parte e Lino José Nunes passou a receber 260 mil réis por ano, mas não fez jus à gratificação. No mesmo documento ficamos sabendo que a voz de Lino José Nunes era no registro de baixo.³ No ano seguinte solicitou novo aumento para que seu salário fosse equiparado aos músicos da Real Câmara, que recebiam 413 mil e seiscentos réis por ano. A decisão, em 16 de outubro de 1826, foi clara: “o sup[licant]e não tem razão no que alega”.⁴ O mesmo pedido foi repetido em 1827 e a informação prestada por Monsenhor Fidalgo foi inconclusiva, dizendo que o Imperador “mandará o que for do seo Imperial agrado”. O indeferimento, em 8 de novembro, foi justificado mandando dizer que “por ora não tem lugar”.⁵ O músico permaneceu no posto de contrabaixista quando os demais músicos foram demitidos em 1831, fazendo parte do grupo de “instrumentistas de baixo” que acompanhava o coro nas cerimônias litúrgicas (Andrade, v. II, p. 209).

Em um relato datado de 17 de abril de 1833, Monsenhor Fidalgo dava conta da situação precária dos conjuntos musicais da instituição e opinava sobre Lino José Nunes, dizendo que ele e seus colegas “cumprem as suas obrigações”, mas que era necessário “um rabeção grande, porque um só que tem é pouco”.⁶

Alguns anos mais tarde a situação precária se agravava e uma petição encaminhada pelo mestre de capela Simão Portugal, em 7 de agosto de 1840, mostra que o salário dos músicos, entre eles Lino José Nunes, era o mesmo desde 1817, quando foram aumentados por ocasião da Aclamação de D. João VI.⁷ A informação, prestada por Monsenhor Fidalgo e encaminhada ao Ministro dos Negócios da Justiça, Honório Hermeto Carneiro Leão, revela que havia apenas vinte músicos “entrando dois fagotes e hum Rebecão”. Por fim o inspetor solicita “com a maior necessidade e urgência” a contratação de novos músicos sendo “dois sopranos, hum baixo, hum contralto, hum tenor, e hum Rebecão Grande”.⁸

Lino José Nunes atuou também na orquestra do Teatro São Pedro de Alcântara (Andrade, v. II, p. 209) e foi membro da Irmandade de Santa Cecília. Como representante da irmandade e em companhia do músico Geraldo Inácio foi responsável pela encomenda da última obra composta por José Maurício, a *Missa de Santa Cecília*, escrita em 1826 para a festa da padroeira dos músicos (Mattos, 1970, p. 178).

³ Biblioteca Nacional – Setor de Manuscritos – Lino José Nunes – C 427,20 (1).

⁴ Biblioteca Nacional – Setor de Manuscritos – Lino José Nunes – C 427,20 (3).

⁵ Biblioteca Nacional – Setor de Manuscritos – Lino José Nunes – C 427,20 (4).

⁶ Arquivo Nacional – Casa Real e Imperial – Capela Imperial – Cx. 12 Pac. 3 Doc. 4 – Informação sobre o estado da Capela Imperial.

⁷ Arquivo Nacional – Coleção Eclesiástica – Cx. 935 Pac. 106 doc. 65 (1) – Pedido de aumento.

⁸ Arquivo Nacional – Coleção Eclesiástica – Cx. 935 Pac. 106 doc. 65 (2).



Há registro de sua participação em espetáculo realizado no Teatro Tyvoli, construído por iniciativa dos alunos do Conservatório Dramático Brasileiro, que funcionava na Rua do Passeio n. 34. No espetáculo de estreia, intitulado “Arthur” ou “Depois de dezesseis annos”, um vaudeville em dois atos, as peças musicais foram “ensaiadas pelo professor de música dos meninos, o Sr. Lino José Nunes”. O referido teatro ficava localizado no Campo de Santana e foi inaugurado em 9 de maio de 1847, ou seja, o trabalho deve ter sido um dos últimos realizados por Lino José Nunes (cf. Veiga).

Além do Conservatório Dramático Brasileiro Lino José Nunes atuou profissionalmente em outra instituição de ensino. No catálogo da exposição comemorativa ao segundo centenário de nascimento de José Maurício, é dito que Lino José Nunes “foi também professor do Conservatório de Dansa e Música do Rio de Janeiro, em meados do século passado” (Centenário, 1967, p. 37).⁹ Outra referência é apresentada por Baptista Siqueira que informa que o conservatório “funcionava na Praça da Aclamação n. 9”, também no atual Campo de Santana (Praça da República). O mesmo autor revela ainda, sem citar a fonte, um anúncio feito provavelmente na imprensa, onde consta que “Lino José Nunes leciona harmonia como a do célebre mestre o insigne Professor brasileiro padre mestre José Maurício Nunes Garcia” (Siqueira, 1972, p. 19).

Lino José Nunes permaneceu na orquestra da Capela Imperial até sua morte, ocorrida em 1847. Segundo Cleofe Person de Mattos, o músico foi sepultado no Convento de Santo Antônio (Mattos, 1997, p. 220). Em outubro do mesmo ano o músico Francisco José Martins, que se apresentava como “ex clarim mor do Primeiro Regimento de Cavalaria Ligeira”, encaminha uma petição onde solicita “o logar de contra baixo na Orchestra da Capella Imperial que se acha vago por ter fallecido Lino José Nunes que o preenchia”.¹⁰

Como compositor deixou produção diminuta, onde constam apenas algumas modinhas. O musicólogo Manuel Veiga cita as seguintes: “Cupido tirando dos hombros”, “De huma simples amizade” e “Se os meus suspiros podessem”, a última publicada por Pierre Laforge ainda no século XIX (Centenário, 1967, p. 37). Posteriormente foram publicadas em Lisboa em 1984 por Gerhard Doderer no volume 44 (*Modinhas Luso-Brasileiras*) da coleção *Portugaliae Musica* da Fundação Calouste Gulbenkian.

Além de modinhas Cleofe Person de Mattos cita Lino José Nunes como autor “de um trabalho teórico” (Mattos, 1997, p. 220). A musicóloga, profunda conhecedora do acervo da BAN, provavelmente se deparou com a obra aqui abordada em algum momento de sua extensa pesquisa sobre a vida e a obra do Padre José Maurício.

⁹ Na mesma página do referido catálogo há a informação equivocada de que Lino José Nunes faleceu em 1857.

¹⁰ Arquivo Nacional – Coleção Eclesiástica – Cx. 923 Pac. 47 doc. 74.



Um método brasileiro de contrabaixo, do século XIX (1838): Lino José Nunes – Cardoso, A.

O dedicatário do método de contrabaixo é o Doutor José Maurício Nunes Garcia Jr. (1808-1884), ou seja, terceiro filho do compositor Padre José Maurício Nunes Garcia com Severiana Rosa de Castro. O dr. Nunes Garcia foi figura destacada na sociedade carioca de seu tempo. Sabemos que recebeu boa educação e que além dos estudos regulares de aritmética, gramática latina, lógica e retórica, recebeu lições de pintura de Jean Baptiste Debret e de música de seu pai. O próprio Dr. Nunes Garcia informa que estudou música através da “artinha” escrita por José Maurício (Muricy, 1983, p. 16). Sabemos também que foi para a educação musical de seus filhos que José Maurício escreveu em 1821 o seu *Compendio de Música e Método de Pianoforte*, obra que pode ter servido de modelo para Lino José Nunes na composição de seu método de contrabaixo.

O dr. Nunes Garcia atuou como organista em várias igrejas no Rio de Janeiro, como deixa claro nos *Apontamentos Biográficos*, escritos pelo próprio como membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e reproduzido com notas de Curt Lange nos *Estudos Mauricianos* (Muricy, 1983, p. 15-22): “no propozito de ajudar a meu Pai, já então m^{to} pobre e valetudinário, era eu organista das Irmandades da Lampadoza e Sacram^{to} e da Ordem 3^a de S. Fran^{co} de Paula” (Muricy, 1983, p. 18).¹¹ Deixou também um pequeno volume de composições intitulado *Mauricinas*, com peças para piano e canto, e uma Missa (Mattos, 1970, p. 16).

Curiosamente Cleofe Person de Mattos não cita o método de contrabaixo dedicado ao Dr. Nunes Garcia nos momentos em que a ele se refere tanto no *Catálogo Temático* quanto na biografia do padre José Maurício. Não há referências sobre o assunto também nos *Apontamentos Biográficos*. Tal situação nos faz levantar algumas hipóteses.

Apesar do método escrito por Lino José Nunes estar dedicado ao dr. Nunes Garcia e dele ser a primeira propriedade do manuscrito, conforme atesta a informação constante no frontispício, é provável que o dedicatário jamais tenha iniciado seus estudos de contrabaixo, pois o método está incompleto. Não sabemos a razão de Lino José Nunes ter interrompido a elaboração do método. Escrito em 1838, o autor ainda viveria e se manteria ativo na profissão de contrabaixista e professor de música até o fim de sua vida, em 1847. Haveria tempo, portanto, para concluí-lo.

Podemos supor que uma desistência do dr. Nunes Garcia em estudar o contrabaixo possa ter sido o motivo para a interrupção do trabalho. Em 1838, o filho de José Maurício já estava com a idade de trinta anos, era um médico atuante, formado pela Academia Médico-cirúrgica do Rio de Janeiro, e professor da Faculdade de Medicina desde julho de 1833, primeiro como substituto de Ciências Cirúrgicas e poste-

¹¹ O texto foi originalmente publicado por Curt Lange na *Revista de Estudios Musicales*, n. 1-3, da Universidade Nacional de Cuyo, Mendoza (AR), em abril de 1950.



riormente como titular de Anatomia Descritiva (Muricy, 1983, p. 20). Em seus apontamentos biográficos, o dr. Nunes Garcia menciona seus estudos de pintura com Debret¹² e os de música com seu pai. Suas atividades como organista e professor de música, aliás, foram as principais fontes de renda antes de ingressar como professor na Faculdade de Medicina: “A expensas d’alguns discípulos de muzica e piano, me mantive até 1832” (Muricy, 1983, p. 20). Por que não menciona, então, os estudos de contrabaixo? Provavelmente por não terem ocorrido.

O método escrito por Lino José Nunes é interrompido subitamente no primeiro tempo do oitavo compasso da sétima lição. Pela clareza da caligrafia e organização do conteúdo nas páginas é muito provável que o autor estivesse fazendo uma cópia final do método, que pode ter sido elaborado em uma versão preliminar a partir de uma encomenda do dr. Nunes Garcia.

Sobre Joaquim d’Almeida, o provável segundo proprietário do manuscrito, não temos muitas informações e as que existem não são suficientes para determinarmos se um dos indivíduos sobre os quais temos informações é o mesmo que figura no manuscrito. Ayres de Andrade se refere a dois sujeitos. O primeiro chama-se Joaquim Almeida e foi trompista nomeado para a Real Câmara em 1815, passando a receber seu salário pela folha da Capela Imperial a partir de 1822 (Andrade, 1967, v. II, p. 132). Não temos informações sobre o trompista que cheguem até o ano de 1838, data do manuscrito. Pouco provável seria também que um instrumentista de sopro se interessasse em ser proprietário de um método de instrumento de cordas.

O segundo músico, e mais provável segundo proprietário do manuscrito, chama-se Joaquim José Agostinho de Almeida. O musicólogo Alberto José Vieira Pacheco situa seu nascimento entre os anos de 1787 e 1788 (Pacheco, 2009, p. 146). Joaquim José era português e chegou ao Rio de Janeiro em 1811, sendo nomeado para a Capela Real em 1º de fevereiro.¹³ Atravessou o Atlântico algumas vezes. Em 1822, pediu sua primeira licença para ir a Portugal. No *Diário do Governo*, publicação oficial do governo português, aparece uma referência ao músico, sem maiores esclarecimentos. No nº 222, de 20 de setembro de 1822, sexta-feira, na seção *Artigos D’Officio*, referente ao expediente “da semana finda em 7 de setembro” do Ministério dos Negócios de Justiça, há uma determinação “ao Provedor do Collégio dos Catecúmenos, para que informe sobre o conteúdo no requerimento de Joaquim José Agostinho de Almeida, cantor da Real Capella do Rio de Janeiro”. Não há nenhuma informação sobre o conteúdo do requerimento, mas deve ser relativo ao pedido de licença (Diário). Em Lisboa passou a atuar como músico da Real Câmara entre 1827

¹² Os estudos de pintura com Debret tiveram como consequência a elaboração do famoso quadro que retrata José Maurício Nunes Garcia, o primeiro a mostrar um compositor brasileiro, e que se encontra hoje no gabinete da direção da Escola de Música da UFRJ.

¹³ Arquivo Nacional – Casa Real e Imperial – Capela Imperial – Cx. 12 Pac. 2 Doc. 29.



Um método brasileiro de contrabaixo, do século XIX (1838): Lino José Nunes – Cardoso, A.

e 1829 (Scherpereel, 1985, p. 18). De volta ao Brasil, em 1830, reingressou na Capela Imperial como cantor e integrou o quadro de músicos da orquestra do Teatro São Pedro de Alcântara, onde também exerceu as funções de arquivista (Andrade, 1967, v. II, p. 133). No mesmo documento de 1833, em que Monsenhor Fidalgo se refere a Lino José Nunes há uma informação de que José Joaquim Agostinho “obteve licença pelo Governo p^a hir a Portugal tratar da sua saude por tempo de hum anno”.¹⁴ Seu retorno ao Rio de Janeiro se deu em agosto de 1839 a partir de São Paulo, cidade onde pode ter atuado profissionalmente (Pacheco, 2009, p. 147).

As informações sobre Joaquim José Agostinho de Almeida estão nos documentos do fundo Casa Real e Imperial guardados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.¹⁵ Em outro fundo, a Coleção Eclesiástica, encontramos um novo pedido de nomeação de José Joaquim Agostinho de Almeida para o cargo de violista da Capela Imperial em 1840.¹⁶ Era muito comum os músicos atuantes na Capela Imperial exercerem as funções de cantor e instrumentista em períodos distintos, como o próprio Lino José Nunes, que começou como cantor e posteriormente foi nomeado contrabaixista.

Não temos informação sobre quando o manuscrito do método de Lino José Nunes trocou de proprietário, ou seja, do dr. Nunes Garcia para Joaquim d’Almeida. Pode ter sido pouco tempo depois de escrito ou bem posteriormente, lembrando que o dr. Nunes Garcia veio a falecer mais de 40 anos após a elaboração do método. Sendo Joaquim d’Almeida um nome relativamente comum, não podemos comprovar que o cantor e violista Joaquim José Agostinho de Almeida fosse a mesma pessoa a quem pertencia o material. Apesar de ser instrumentista de cordas seria mais plausível que o método despertasse o interesse não de um violista, mas de um contrabaixista.

O manuscrito do *Méthodo Prático ou Estudos Completos para o Contrabaxo* de Lino José Nunes está registrado na BAN como Ms N–XII–1. A antiga classificação do Instituto Nacional de Música, carimbada na folha de rosto, era Obra 2246, Volume 1993. A obra foi registrada em 1893 e o livro de tomo da biblioteca informa que a origem do manuscrito foi o Conservatório de Música. Quando e como a obra foi incorporada ao acervo do Conservatório não sabemos dizer.

O método, destinado ao contrabaixo de três cordas com afinação em quartas (Lá-Ré-Sol), está dividido em duas partes. Não há nenhum texto introdutório ou parte teórica e explicativa sobre postura no instrumento, empunhadura do arco ou posicionamento das mãos. O método é composto por exercícios práticos, como expresso no título.

¹⁴ Arquivo Nacional – Casa Real e Imperial – Capela Imperial – Cx. 12 Pac. 3 Doc. 4 – Informação sobre o estado da Capela Imperial.

¹⁵ Além dos já citados há ainda: Arquivo Nacional – Casa Real e Imperial – Capela Imperial – Cx. 13 Pac. 1 Doc. 34.

¹⁶ Arquivo Nacional – Coleção Eclesiástica Cx. 930 Pac. 84 Doc. 94.



Na primeira parte o autor apresenta as “Escalas para o contrabaixo de três cordas, afinado em quartas” e orienta o aluno a realizar os exercícios utilizando diferentes claves, desde a de fá na terceira linha até sol, passando pelas de dó em diferentes linhas. Em seguida aborda as “Regras para a formação dos tons”, consistindo em uma fórmula cadencial apresentada em todas as tonalidades, começando no dó e prosseguindo cromaticamente. A primeira parte conclui com cinco “Exercícios para se tocar em todos os tons, tempos e andamentos”.

A segunda parte é musicalmente mais interessante, pois o autor apresenta o “Curso de Lições para o Contrabaixo”, ou seja, pequenas peças em forma de estudos com o objetivo de desenvolvimento técnico. Nos estudos podemos perceber a preocupação do autor em abordar os problemas técnicos aliados a conteúdos musicais como golpes de arco, articulações em legato e stacato, passagens cromáticas, ornamentos, dedilhados, modulações e mudanças de andamento, explorando uma grande amplitude da tessitura do instrumento.

Na presente edição optamos por editorar apenas o “Curso de Lições” como uma contribuição para a ampliação do repertório brasileiro para o instrumento. Por seu caráter essencialmente didático, os estudos de Lino José Nunes poderão servir como alternativa aos professores do instrumento para a inclusão de obras de autor brasileiro nos programas de estudo de seus alunos.

Optamos por publicar a partitura com poucas intervenções editoriais, respeitando as indicações originais do compositor não só para notas e ritmos, mas também para arcadas e dedilhados. Tal opção teve por objetivo possibilitar a futuros pesquisadores ou professores do instrumento uma visão histórica e crítica do ensino do contrabaixo no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. A ortografia foi atualizada, os andamentos escritos por extenso e a numeração dos compassos acrescentada. Ao mesmo tempo, a editoração da partitura sem sugestões de arcadas e dedilhados permite àqueles que queiram executar as peças fazerem suas próprias escolhas.



Um método brasileiro de contrabaixo, do século XIX (1838): Lino José Nunes – Cardoso, A.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, Ayres de. *Francisco Manuel da Silva e seu tempo (1808-1865) – uma fase do passado musical do Rio de Janeiro à luz de novos documentos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, 2 v.

Cardoso, André. *A música na Capela Real e Imperial do Rio de Janeiro 1808-1889*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Música, 2005.

2º Centenário do nascimento de José Maurício Nunes Garcia (1767-1830) – Exposição comemorativa. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1967.

Diários do Governo, n. 222, 20-set., 1822. Lisboa: Imprensa Nacional. Disponível em: <http://books.google.com.br>. Acesso em 14-abr., 2011.

Doderer, Gerhard. *Modinhas Luso-brasileiras*. Coleção *Portugaliae Musica*, v. 44. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

Mattos, Cleofe Person de. *Catálogo Temático José Maurício Nunes Garcia*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970.

Mattos, Cleofe Person de. *José Maurício Nunes Garcia – biografia*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1997.

Muricy, José Cândido de Andrade (org.). *Estudos Mauricianos*. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

Pacheco, Alberto José Vieira. *Castrati e outros virtuosos – a prática vocal carioca sob a influência da Corte de D. João VI*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.

Scherpereel, Joseph. *A orquestra e os instrumentistas da Real Câmara de Lisboa de 1764 a 1834*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

Siqueira, João Baptista. *Do Conservatório à Escola de Música, ensaio histórico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1972.

Veiga, Manuel. “Notas para um sarau de modinhas”. Disponível em <http://www.manka.com.br/artigos/veiga/notas.htm>. Acesso em 31 jul., 2009.

ANDRÉ CARDOSO é violista e regente graduado pela Escola de Música da UFRJ, é mestre e doutor em Musicologia, pela Unirio. Estudou regência com os maestros Roberto Duarte e David Machado. Durante três anos recebeu bolsa da Fundação Vitae para curso de aperfeiçoamento na Argentina com o maestro Guillermo Scarabino, na Universidade de Cuyo (Mendoza) e no Teatro Colón, de Buenos Aires. Em 1994 foi o vencedor do Concurso Nacional de Regência da Orquestra Sinfônica Nacional e passou a atuar à frente de orquestras como a Sinfônica Brasileira, a Orquestra Sinfônica da Paraíba, a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, a Orquestra Petrobrás Sinfônica, a Orquestra do Teatro Nacional de Brasília e a Filarmônica do Espírito Santo. Durante sete anos foi maestro assistente da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Entre as diversas produções que dirigiu destacam-se os ballets



Um método brasileiro de contrabaixo, do século XIX (1838): Lino José Nunes – Cardoso, A.

Coppélia, *Gisele*, *Le Sylphide*, *La fille mal gardée* e *Lago dos Cisnes*, além de inúmeros concertos sinfônicos. Como pesquisador dedica-se à música brasileira dos séculos XVIII e XIX, publicou uma série de artigos em importantes periódicos nacionais. Seu livro *A música na Capela Real e Imperial do Rio de Janeiro* foi vencedor no II Concurso Nacional José Maria Neves de Monografias e foi publicado pela Academia Brasileira de Música, em 2005. Em 2008 lançou *A música na Corte de D. João VI* pela editora Martins Fontes, considerado um dos destaques editoriais do ano pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. Atua também como produtor fonográfico, recebeu o Prêmio Sharp e o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) pela gravação da ópera *Colombo*, de Carlos Gomes. Atualmente é diretor da Escola de Música da UFRJ, onde ainda é professor de Regência e Prática de Orquestra, além de diretor artístico e regente da Orquestra Sinfônica da UFRJ. Ocupa a cadeira nº 26 da Academia Brasileira de Música (ABM).